

FEIOS, SUJOS E MALVADOS: ALGUNS DESTINOS DA IDENTIFICAÇÃO NOS PSICANALISTAS

por

Ricardo Goldenberg

Duas mulheres conversando durante o intervalo de um espetáculo.

-Estes analistas serão muito analisados, mas sexy é que não são.

-As mulheres viram umas barangas tipo cetáceo e os caras... pelamordedeos! E o pior é que lidam o dia inteiro com a sexualidade dos que tem sexualidade (rs)

-Deve ser por isso que vivem falando que não há relação sexual.

-Pois é, são tipo Alexandre Garcia, sabe como é?, o almofadinha da Globo.

-Merecem o apelido de "Hagá-dois-o".

-"Hagá dois o"?

-É, H₂O: incolor, inodoro e insípido.

H₂O, então, é uma das figuras do psicanalista. A outra poderia ser "feios, sujos e malvados". Conhecem o filme de Ettore Scola, *Brutti, Sporchi e cattivi...* Não? Ora, considerem-no a lição de casa desta conferência.

Claro está que uma coisa é como nos vêm e outra, como nos vemos. Quanto a isso, problematizamos tanto a ideia ingênua da perseguição da felicidade, que terminamos criando uma ideia, não menos ingênua, de que fazer análise deixa as pessoas cínicas, amarguradas e desencantadas da vida. E, pior ainda, que um desfecho tal seria muito bom. E do psicanalista, que seria "o analisado por excelência", então, nem se fale:

ele que terminou sua análise e atravessou heroicamente sua fantasia; ele cujo desejo está advertido deverá se situar além das fraquezas da carne. Conheço bons analistas, cujas vidas fora dos consultórios são um deserto em matéria de satisfações. E o mais engraçado é que quando se atrevem a um certo prazer, ele é zelosamente dissimulado, como uma vergonha. Estávamos na praia de férias e fomos a uma danceteria com um colega. Todo mundo brincando com uma novidade daquela época: um colchão de ar! Ele tinha vindo arrastado porque, quem sabe poderia encontrar naquele local a quinhentos quilômetros de Buenos Aires, um dos seus dois pacientes e, então, como é que ficaria? Arrastado, portanto, mas veio. Ficou quieto num canto, vendo nós todos pulando feito bobos desde um mezanino sobre o colchão de ar. Quando finalmente se decidiu, depois que tudo mundo tinha se afastado para outros cantos e se dedicava a outros afazeres, não reparou que o proprietário tinha desligado o compressor: quebrou o cóccix. "Eu mereço", ouvi ele dizer depois, "mereço por embarcar no desejo dos outros".

Atentando a tudo que já se escreveu sobre o desejo do analista, esperaríamos que noções que lhe são próximas, como fantasia e gozo, tivessem sido fartamente tratadas em relação ao psicanalista. Mas não, reina silêncio absoluto sobre o tema. Gozo do psicanalista? *Vade retro Satanás!* Não apenas não existe como está proibido. "Regra de abstinência!", bradam os puros, "regra de abstinência!" Uma vez tive a ousadia de dizer que a regra de abstinência não era o voto de castidade, e pouco faltou para eu ser apedrejado em praça pública. Gostar do que fazemos parece estar errado. Tudo se passa, entre nós, como com aquele judeu azarado, que encontrou a mulher de sua vida logo na sexta feira, por volta das seis e meia da tarde. Foi correndo ao templo pedir conselho a seu rabino: "Rebe, digame, pelamordedeus: pode fazer amor no *shabath*?" Depois de consultar longamente a *Torá*, o sábio respondeu: "Pode, mas gozar, não". Enfim, isso tudo para lhes dizer que estas mulheres, de quem falava há pouco, tem toda a razão: parece que damos conferências sobre Eros para melhor evitar que o pequeno deus venha nos tocar.

Antes de uma análise podemos passar a vida feitos Forrest Gump, contando nossa história a quem quiser ouvir. Quer, para justificar o que fomos ou não conseguimos ser (e deveríamos); quer, como diz o tango, para mostrar *la vergüenza de haber sido y el dolor de ya no ser*¹. Agimos como se nossas misérias e banalidades fossem dignas da atenção, senão do aplauso, do Mundo. (Vejam, por exemplo, o livro com as confissões da ex-ministra; ou o programa de Silvio Santos, que a cada domingo tira partido deste anseio neurótico.) É de se esperar que depois de uma análise, nossas circunstâncias deixem de ter qualquer interesse para a Humanidade. Que a estrutura de nossa subjetividade se realiza historicamente, nas contingências dos encontros da vida, é certeza e é inevitável; mas o relato destes acidentes e do modo como deles nos fizemos sujeitos não ensina nada a ninguém. Nada há aqui de exemplar.

Futucando bem, todo mundo tem piolho ou tem cheiro de creolina -diz o Chico Buarque. *Só a bailarina que não tem*. Todos somos a bailarina em nosso romance familiar. Este romance ou novela familiar (o termo é de Freud) é o quadro dentro do qual gozamos mal e porcamente. Em que se transforma, uma vez revelada durante a análise sua natureza de ficção necessária? Transforma-se numa forma vazia, numa matriz simbólica cujo conteúdo será sempre um projeto que posso ou não querer para mim.

Subjetivamente falando, firmo a paz com as contingências de meu nascimento; com as decisões dos meus pais que me concerniam, e pelas quais os reprovei durante tanto tempo; com o destino, enfim. Deixa de haver culpados por eu não ser o que se esperava de mim, conforme o mencionado “romance”, que também podemos denominar “fantasia fundamental”. A cada volta da vida nos defrontamos com decisões relativas àquele programa da fantasia fundamental, decisões que são apenas de nossa alçada e de mais ninguém.

¹ *Cuesta abajo*, de Gardel e Lepera.

Em suma, espera-se de uma psicanálise a chance de não mais servir o sintoma e conseguir que ele nos sirva um pouco. Para se obter tal e tanto, é mister que eu tenha elucidado a fantasia de cuja realização o sintoma me defende. Uma vez sustada a hipoteca defensiva que onera meu sintoma, ele estará disponível para outros fins, além do neurótico. *Um dentre eles poderia ser a prática da psicanálise.* Não é com certeza o único, e nada indica que seja o melhor.

A regra de abstinência não é uma vida de privações

A possibilidade de que haja analista (*de l'analyste*, assim como se diz "as chances de que haja mamão este ano") não depende dos bons ofícios das instituições fundadas para tal fim. As condições para esse acontecimento discursivo foram criadas por Freud ao dar voz às históricas oitocentistas, e desde então nossa civilização comporta esta alternativa discursiva entre outras. O fato de estar previsto na estrutura não garante, contudo, a existência de alguém que realize tal possibilidade numa relação social concreta. Quando constatamos ter havido analista (sempre *après-coup*, portanto), quando pelos efeitos podemos concluir que acontecera uma análise, então, podemos estar certos que um dos responsáveis pelo acontecimento não passou pela experiência como sujeito, embora seja errado concluir disso que teria passado por ela como um objeto².

Quando falamos da regra de abstinência insistimos no obstáculo que representa para a análise do paciente, a pompa e circunstância de seu analista (denominada contratransferência ou resistência). Ninguém menciona a confusão inversa de tomar-se pelo objeto degradado em que a fantasia do outro te transformaria na transferência. Contam que um eminente didata subia de elevador junto com um senhor que, depois de

² O semblante de (a) não é uma posição objetal.

dois ou três andares, cuspiam nele. O injuriado limitava-se a tirar um lenço, e enxugava o rosto sem dizer nem uma palavra. O outro tampouco acrescentava nada ao gesto. Depois, ambos desciam no mesmo andar. E assim, diariamente, um espantado ascensorista testemunhava a cena silenciosa, sem atrever-se ao menor comentário. Até certo dia, em que o didata pegou o elevador sozinho. Dessa vez o ascensorista juntou coragem e perguntou: "O senhor me desculpe, doutor, mas, com todo respeito, por que o senhor se deixa tratar daquele jeito por esse homem?" O psicanalista, respondeu: "É problema dele".

Na minha opinião, a posição do analista é relativa ao dispositivo da cura e não abrange a vida inteira do profissional. Afirmar o contrário equivale a lançar um novo celibato ainda mais insensato: a vida sem gozo fálico, dedicada ao gozo do Outro. Ninguém pode viver dessubjetivado (seria uma contradição nos termos: "o sujeito dessubjetivado"). Sabem como é: "O que será que ele quis dizer?", pensa o analista, logo que seu vizinho lhe deu um "bom dia". Como imaginar alguém que se compraz em deixar simplesmente de ser?

O *ganho* de uma análise consiste, ao contrário, em poder não entregar-se à servidão voluntária. Não ouvir uma ordem inapelável, toda vez que a demanda de um outro faz ressoar as cordas da própria fantasia. A descoberta de que não existe Outro para se fazer gozar só pode ter como consequência o abandono de um sacrifício inútil. Penso que se o psicanalista cobra caro é menos por consideração à dívida simbólica (argumento canônico) que por exercer um ofício insalubre. O minerador recebe salário extra pelo risco de adoecer dos pulmões; o radiologista, pelo de contrair câncer; o psicanalista, por suportar a libido dos outros.

Em suma:

- 1) Em virtude da política que convém a nosso campo (a do sintoma³), sugiro deixar de atrelar o termo da própria análise com o exercício do ofício de psicanalista. Quer seja como autorização, quer como confirmação.
- 2) Embora se trate de uma opção bastante especial, no mesmo sentido em que Freud falava em "escolha da neurose", ser (ou permanecer) analista é da ordem da escolha e não pode ser pensado -sob pena de tornar a experiência da própria análise insustentável- como sina de toda psicanálise levada até o fim.
- 3) Quando acontecer, se acontecer, apenas a experiência de ter caído do lugar objetal determinado pela própria fantasia será a condição para se poder estar onde quer que a transferência de outro o coloque, sem tomar-se pelo objeto de gozo deste último.
- 4) Denominamos "dessubjetivada" esta posição, porque como sujeito entraria com seu sintoma na relação libidinal proposta pelo seu analisante. De outra maneira, se a transferência lhe fizer lembrar a fantasia que ele atravessou em sua própria análise, esta evocação não será ouvida como uma injunção: "seja tal objeto para minha satisfação!".
- 5) Enquanto analista deverá permanecer, na medida do possível, dessubjetivado, ao passo que nas horas vagas saberá haver-se com seu gozo fálico, sem maiores constrangimentos. Para isso se analisou: para deixar de cair como um pato nas armadilhas de sua própria fantasia, no que ela tem de convite ao sacrifício; para não ficar entregue à angústia, ou ser jogado na *passagem ao ato*, ou impedido de agir pela inibição, a cada incidente da vida relacionado com aquelas armadilhas. Em suma, *o desejo advertido (por uma psicanálise) seria aquele que orienta os atos da vida sem fazer do sujeito o refém da fantasia em que tal desejo se sustenta.*
- 6) A análise do analista permite entender *como* alguém consegue ocupar seu lugar de analista; nada diz do *por quê* alguém pode querer estar em semelhante posição, e nem

³ Cf. Meu *Ensaio sobre a moral de Freud*, Ágalma, Salvador, 1994.

muito menos a torna necessária (como parece pensar, entre outros, Pommier: em *O desenlace de uma análise*).

7) Embora seja lógico postular um desejo de analista inerente ao ato analítico, não creio que este seja um produto da experiência da psicanálise ou de algum modo induzido por ela. Uma análise deve inspirar, isso sim, "o duro desejo de acordar". Mas daí a afirmar que este se realiza tornando-se analista há uma distância.

8) É necessário querer esta experiência para poder passar por ela. Mais ainda: é necessário criar a coragem de encará-la. A vontade de engajar-se nela, porém, não é independente do modo em que é oferecida pelo encarregado de orientá-la. Assim entendo eu o famoso "desejo do analista": *o efeito de minha oferta de análise sobre o discurso do consultante será decidi-lo a demitir-se como Eu e confiar sua sorte ao inconsciente*.

9) Podemos afirmar do psicanalista, como do louco, que não é quem quer senão quem pode. Entre os que comprovadamente⁴ tem condições de ocupar este lugar, todavia, devemos diferenciar duas classes: os que *vão a ele porque não podem fazer diferente*, e os que podem e de fato resolvem dedicar-se a qualquer outra atividade. Sobre a terceira classe, dos que podendo fazer outra coisa, ainda assim, escolhem nossa prática, podemos e eu desejo discutir se ela é ou não vazia. Digamos, em todo caso, que os primeiros são analistas porque não tinham escolha, ou, melhor, a sua foi uma escolha forçada (nos termos do *vel alienante* do seminário XI). Todavia, concluir disso que teriam uma espécie de "superioridade ética" sobre os que fizeram da pulsão e do sintoma outra coisa, além de usá-los para vestir o objeto (a) dos neuróticos, parece-me, no mínimo, discutível.

10) Por mais que tente, não consigo ver na modalidade de escolha forçada que dá num psicanalista um progresso em relação à neurose, a perversão ou a psicose do paciente. Não sei quem pode achar que a saúde psíquica consiste em dedicar oitenta horas semanais, pregado na poltrona, a bancar o suporte inconsciente do desejo dos outros.

⁴ Comprovadamente pelo discurso. De todo modo, está aqui a interminável discussão sobre a função e os alcances da instituição psicanalítica.

Aproveito o ensejo para lembrar que a pergunta sobre o "gozo do analista" -que supostamente não existe- e sua relação com o "desejo do psicanalista" -que seria obrigatório (estava proibido, na época do início da minha formação)- jamais foi sequer colocada. Por essas e outras, a afirmação de que tornar-se analista seria o desfecho natural da psicanálise enquanto tal, parece piada.

Enfim, uma psicanálise deveria servir para as pessoas estarem melhor na própria pele, não para reproduzir psicanalistas. Imaginar que terminar a análise seria como ter acesso a um lugar reservado a uns poucos eleitos, é um mito. Paira um certo ar iniciático sobre algumas descrições da formação dos analistas. A meu ver, *da existência desta possibilidade discursiva na civilização (isto é, a psicanálise) e das muito particulares condições subjetivas requeridas para seu exercício, não se deduz que consagrar-se a este discurso reflita a melhor saída dos impasses da neurose.*

Nota sobre as acepções mais correntes do sintagma "desejo do analista"

- a) O desejo suposto ao analista pelo seu paciente. É relativo à transferência e serve para o analisante se aperceber da sua fantasia fundamental e do lugar que seu analista ocupa em dita fantasia. Inerente, portanto, a toda e qualquer cura analítica.
- b) O desejo inconsciente do analista, sustentado pela sua particular fantasia fundamental. A elucidação desta fantasia e este desejo devem ter acontecido durante sua própria análise. Isso quer dizer que ele aprendeu a reconhecer em que objeto se transformava imaginariamente para fazer gozar um Outro inexistente. É de se esperar que a descoberta de que não existe Outro a quem fazer gozar mude sua posição e, com isso, o desejo que se originava naquela premissa. É bom lembrar que o desejo neurótico é ao mesmo tempo uma defesa contra e uma preservação da existência daquele Outro.
- c) Um desejo de analista deve ser logicamente suposto ao ato analítico.
- d) O desejo do analista tem a ver com a escrita do matema do discurso do psicanalista. Há neste último um modo *sui generis* de tratar o real pelo simbólico.

Last but not least. Observação de Ivan Corrêa durante um bate papo no corredor: o desejo-do-analista é uma função pura, da qual cada psicanalista fará argumento.

Concedido, mas... nada teria impedido Lacan de chamar a esta função, por exemplo, "função psicanalista". Tal denominação serviria bem ao fim pretendido. Se nosso caro mestre, contudo, teimou em manter a denominação "desejo de" -tendo previamente definido "desejo" como uma função da fantasia e sempre como "desejo do Outro"-, se insistiu em preservar o sintagma "desejo do analista", ainda depois de definir o fim da análise em relação à queda do Sujeito Suposto Saber (o Outro que me inventei), então, por que não acreditarmos que teria alguma razão para tanto?

Conferência no XXV Encontro Anual do *Centro de Estudos Freudianos*, "A identificação". 2 a 4 de novembro de 1995. Palestrante